



Cinco nomes estão por trás da maneira como o presidente brasileiro lida com a invasão na Ucrânia. São eles que aconselham o chefe do Executivo a demonstrar uma posição pró-Rússia, na contramão das grandes democracias ocidentais

# Quem orienta Bolsonaro?

» MICHELLE PORTELA,  
» RAPHAEL FELICE

Desde que Vladimir Putin autorizou as tropas russas a invadirem a Ucrânia, no dia 24 de fevereiro, o governo brasileiro encontra-se em situação delicada. Uma semana antes do início do conflito armado, Jair Bolsonaro fez uma visita oficial à Rússia, durante a qual elogiou Putin e declarou ser solidário ao país, que já estava na iminência de invadir a Ucrânia.

Diante da escalada de tensões provocada pela Rússia, Jair Bolsonaro viu-se obrigado a aceitar as manifestações da chancelaria e de ministros próximos, que apontavam ser insustentável manter o Brasil sem posição quanto ao conflito. No dia 24 de fevereiro, que marcou o início da guerra, o presidente brasileiro convocou uma reunião de emergência para tratar diretamente do tema.

Participaram o ministro da Defesa, Braga Neto; o chanceler Carlos França, e os ministros-gerais Luiz Eduardo Ramos, Secretário-Geral da Presidência, e Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional. O assessor de Assuntos Estratégicos, Filipe Martins, também estava com o grupo.

Pelo menos três membros da reunião defenderam que o Brasil devia seguir o bloco dos Estados Unidos na reunião do Conselho de Segurança da ONU, que propunha uma resolução condenando a invasão russa em território ucraniano.

O documento recebeu votos suficientes para ser aprovado, inclusive do Brasil, mas a Rússia, que preside o Conselho e é membro permanente do grupo, exerceu o poder de veto. Posteriormente, o veto foi derrubado em assembleia geral do organismo, que ainda discute como socorrer os ucranianos por intermédio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Fontes do governo consultadas pelo **Correio** insistem que o mais importante era garantir a “posição do Brasil nos organismos internacionais pelo equilíbrio e pela imparcialidade”. Por outro lado, França fez críticas às sanções impostas pela comunidade internacional, ao envio de armas e aos ataques cibernéticos sob o argumento de que isso prolonga a crise.

## Tradição

Segundo os analistas, manter a imparcialidade faz parte da tradição diplomática brasileira. O que fugiria disso seria o teor crítico com relação às punições e sanções empreendidas pelos países europeus e pelos Estados Unidos. Na avaliação do general Paulo Chagas, a posição e as palavras de Bolsonaro desgastam a imagem do Brasil e colocam o país em uma condição favorável aos interesses russos.

“A posição de neutralidade é condizente com a tradição diplomática do Brasil, mas a viagem oficial até a Rússia e as palavras do presidente não são de neutralidade, mas, sim, de uma preferência aos interesses da Rússia”, explica Chagas. “Não sei o que leva os generais que estão com o presidente a sugerir isso. Não tenho essa informação, sei pelo que li nos noticiários, mas também não vi ninguém desmentindo que o general Braga Neto e o general [Luiz Eduardo] Ramos estavam aconselhando o presidente nesse sentido. Pelos dados que tenho e pelo que eu aprendi e estudei no Exército, eu entendo que o Brasil deveria se colocar de acordo com nossos interesses. Não se justifica uma posição pró-Rússia”.

Para Thiago Nogueira, professor de direito internacional da Universidade São Judas, a posição do Brasil pode gerar desconfiança de parceiros do Ocidente. “Preocupa a postura claudicante que o governo brasileiro adota neste conflito. Países do G7 e G20 fizeram manifestações duras de que as ações militares devem parar imediatamente, mas a do Brasil é apenas de cessar hostilidades, um pedido de paz de maneira geral, como se a Ucrânia tivesse participado ou tivesse alguma parcela de culpa do que está acontecendo com ela, o que não é o caso”, avalia. “O Brasil defende a carta da ONU, a paz, mas não condenou veementemente a ação militar que a Rússia está colocando para a Ucrânia.”

As análises vão na linha do posicionamento firmado pelo encarregado de negócios da Embaixada da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach, que cobrou posição mais forte do governo brasileiro sobre a invasão. “Imparcialidade não se aplica quando se sabe quem é o agressor”, aponta.

## Os conselheiros

Veja quem são as pessoas mais influentes junto ao presidente Jair Bolsonaro sobre o conflito



### Braga Neto

O ministro da Defesa de Jair Bolsonaro recebeu carta branca do chefe para opinar e decidir sobre os rumos do Brasil em relação ao conflito entre Rússia e Ucrânia. Carlos França, o chanceler brasileiro, ouviu do próprio presidente que qualquer manifestação pública deveria ser discutida com o ministro, sobretudo quanto ao teor. Oficialmente, a ideia é refletir a institucionalidade das decisões. O militar serviu na Polônia e nos Estados Unidos, países que apoiam a Ucrânia.



### Carlos França

Chanceler brasileiro defendeu o voto de oposição do Brasil à invasão russa ao território ucraniano no Conselho de Segurança da ONU e na assembleia geral do organismo internacional. Respeitado na área técnica do governo, é o responsável por garantir que o Brasil não tenda para uma possível inclinação pró-Rússia. Conseguiu manter o posicionamento brasileiro ao lado hegemônico após ter acompanhado o chefe, presidente Bolsonaro, em visita ao Kremlin poucos dias antes da invasão.



### Filipe Martins

Assessor para Assuntos Internacionais da Presidência, é declaradamente olavista e foi denunciado por manifestações nazistas durante evento no Congresso Nacional. Como Braga Neto, o assessor defendeu internamente que o Brasil apoiasse, no Conselho de Segurança da ONU, a resolução dos Estados Unidos condenando a Rússia pela invasão. Martins, dizem os bastidores, possui bom trânsito entre os representantes ucranianos do governo. A Ucrânia, vale lembrar, é acusada, exatamente pela Rússia, de ser uma espécie de pólo do nazismo no leste europeu.



### Luiz Eduardo Ramos

Secretário-Geral da Presidência, o general foi citado no Blog do Vicente como sendo o principal defensor de Putin. Ele integra a chamada ala militar do governo, que se apresenta como estrategista e acreditava que tinha muito mais a ganhar se não comprasse briga com a Rússia.



### Augusto Heleno

Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o militar foi quem lembrou ao presidente a possibilidade de “passar a boiada” durante a guerra, começando pela defesa da exploração mineral em terras indígenas, conforme amplamente divulgado pela imprensa.



Foto: Evaristo Sa/AFP

## Entrevista // David Magalhães

Mesmo sendo presidente da Rússia, berço da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do comunismo, Vladimir Putin tornou-se aliado de primeira hora de Jair Bolsonaro, a ponto do mandatário brasileiro não repudiar de forma direta a invasão da Ucrânia.

Apesar do discurso anticomunista ser muito enfático nas falas de Bolsonaro, a Rússia de Putin — com exceção da ala olavista — era pouco lembrada por bolsonaristas. Às vésperas de decolar rumo ao Kremlin, Bolsonaro disse a um apoiador, em frente ao Palácio do

### A Rússia ainda possui um viés socialista ou comunista da União Soviética?

O histórico da Rússia é de um país socialista, o próprio Vladimir Putin é ex-agente da KGB, mas hoje é um governo que se reaproximou da igreja ortodoxa, tal qual faziam os antigos czares, uma relação entre agenda ortodoxa e governo autocrático. A agenda de Putin está longe de uma agenda à esquerda, pelo contrário. Na Rússia, movimentos LGBTQIA+, feministas e de direitos humanos são duramente reprimidos, com violência muitas vezes.

### Por que ele é bem visto entre parte dos bolsonaristas e pelo próprio Bolsonaro?

O Putin tem uma agenda de

costumes socialmente conservadores. É um governo despótico, ligado à igreja ortodoxa. Apesar de não ser como a igreja católica apostólica ou não ter espaço para o cristianismo protestante, como aqui no Brasil, é uma igreja cristã. Todos esses fatores fazem brilhar alguns setores do bolsonarismo. Alguns veem o governo autoritário do Putin com admiração, basta lembrar manifestações pró-ditadura militar, AI-5, etc. Quem se distancia disso é a ala olavista, onde há o receio de que exista uma frente China-Rússia com um novo projeto global, o que é uma fantasia, mas não há uma definição concreta dentro do movimento bolsonarista sobre o que é a Rússia.

Alvorada, que Putin era “um conservador” e “gente da gente”. No começo do mesmo mês de fevereiro, o presidente foi a um estande de tiro e, ao acertar o centro do alvo, de cor vermelha, declarou que tinha “muita vontade de acabar com o comunismo”.

Apesar de parecer uma dicotomia, a postura do presidente da República ao considerar Putin um “amigo” com “valores em comum” é explicada pelo coordenador do Observatório da Extrema Direita (OED), David Magalhães em entrevista ao **Correio**.

### Onde Putin e Bolsonaro se distanciam?

Apesar das semelhanças entre Bolsonaro e Putin contra minorias, ONGs e direitos humanos, quando a gente olha a política externa, ela está na contramão deste eixo atlantista. No campo da política externa, há uma certa confusão da posição ideológica atual da Rússia, pois eles apoiam regimes chavistas e apoiam todos regimes que são anti-hegemônicos na política externa. Isso causa ambiguidades, mas não vejo qualquer traço de esquerdismo, socialismo e muito menos comunismo no Putin e em seu governo.

### Por exemplo...

Uma amostra disso é que, em 2017, quando se comemorou os

100 anos da Revolução Bolchevique Russa, Putin disse que não havia motivos para festejar a data de um dos principais símbolos da história russa. Ele não exalta planificação econômica, igualitarismo, propriedade comum dos meios de produção e ateísmo. Pelo contrário, ele vê a igreja ortodoxa como braço espiritual da política externa Russa. A única menção que tem é um tipo de enaltecimento ao período soviético e à guerra vencida contra os nazistas, eles chamam de grande guerra patriótica, então, tem um fator nacionalista muito forte. O único líder da URSS que é lembrado é Stalin, que também era mais nacionalista, diferente de Lenin e Trotski, que seguiam mais o comunismo. (MP e RF)

## Quando os opostos convergem

» CRISTIANE NOBERTO  
» MARIA EDUARDA CARDIM

Em meio à guerra iniciada pela Rússia a quase 11 mil quilômetros de Brasília, militantes, políticos e personalidades de diferentes ideologias buscam se posicionar sobre a ação militar na Ucrânia. No entanto, muitas vezes, observa-se uma mistura de discursos: metade direita, metade esquerda, colocando as duas alas, por vezes, na mesma bandeja.

Enquanto uma parte da direita brasileira flerta com o autoritarismo russo e é pró-armamentistas, outra prefere não se posicionar, ou fazê-lo com cautela, por haver questões comerciais envolvidas, que poderiam prejudicar o Brasil. Já na esquerda, a base da discussão fica entre

socialismo e antiamericanismo.

Enrique Natalino, doutor em ciência política e especialista em política internacional, explica que o fascínio que a Rússia e a figura de Vladimir Putin provocam em lideranças e em partidos de esquerda e de direita no Brasil advém de diferentes causas. O que os une “é uma leitura maniqueísta da ordem internacional, que se baseia em afinidades ideológicas entre lideranças e regimes”.

Segundo o especialista, para alguns partidos e lideranças da esquerda mais radical, a defesa da Rússia durante o embate com a Ucrânia tem raízes anti-americanas. “Para alguns setores da sociedade brasileira e latino-americana, ainda há uma certa nostalgia em relação ao que a

União Soviética representava para o movimento comunista internacional e para os partidos socialistas da América Latina”, diz.

Enquanto isso, do lado contrário, para alguns partidos e lideranças de direita no Brasil, a questão central na guerra iniciada pela Rússia é a defesa da soberania nacional “como um princípio sagrado e incontestável contra a ideia de globalismo”, explica o especialista. “A Rússia seria, portanto, um bastião de resistência das ideias de pátria, família e Deus, num mundo globalizado. A exaltação do nacionalismo e do militarismo completa esse pacote ideológico. Nesse sentido, a atração de figuras de extrema-direita pela Rússia atual reside na grande admiração que nutrem pelo

regime antiliberal implantado por Vladimir Putin”, pontua Natalino.

### Valores

O cientista político da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira, Josué Medeiros, reforça que “setores bolsonaristas veem em Putin um líder forte, promotor dos valores tradicionais e defensor da pátria. Eles projetam para Bolsonaro o mesmo papel”.

No entanto, Medeiros ressalta que a condenação da invasão russa na Ucrânia é uma posição majoritária, tanto das esquerdas quanto das direitas brasileiras. “Há, de fato, uma coincidência



Pessoas se protegem de bombas em Bucha: debate confuso

de posições quando analisamos esses setores, mas reforço se tratar de minorias tanto à esquerda quanto à direita”, avalia.

Já o cientista político Antônio Testa aponta que a narrativa russa contra a Organização do Tratado do Atlântico Norte

(Otan) pode confundir os brasileiros. “No Brasil, os discursos desses tipos de esquerda e direita são meramente oportunistas, a meu ver. Nenhum dos dois lados avalia a dimensão real do conflito e seu impacto na economia brasileira”, observa.